

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITARIO DE MIRACEMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**FÁTIMA DA SILVA NUNES MOREIRA**

**ALTAS HABILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO ACERCA DOS  
ESPAÇOS EDUCACIONAIS**

**Miracema do Tocantins, TO**

**2018**

**Fátima da Silva Nunes Moreira**

**Altas habilidades na escola pública: um estudo acerca dos espaços  
educacionais**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, *Câmpus* de Miracema como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em pedagogia, sob orientação do Professor Drº Ruhena Kelber Abrão Ferreira.

Miracema do Tocantins, TO

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

M838a Moreira, Fátima da Silva Nunes.  
Altas habilidades na escola pública: um estudo acerca dos espaços educacionais. / Fátima da Silva Nunes Moreira. – Miracema, TO, 2018.  
41 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2018.  
Orientador: Ruhena Kelber Abrão Ferreira  
1. Superdotação. 2. Atendimento educacional especializado. 3. Educação especial. 4. Alunos com necessidades educativas especiais. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FÁTIMA DA SILVA NUNES MOREIRA

ALTAS HABILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO ACERCA DOS  
ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, *Câmpus* de Miracema como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em pedagogia, sob orientação do Professor Drº Ruhena Kelber Abrão Ferreira.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof.(a) Dr.(a) Ruhena Kelber Abrão Ferreira - Orientador (a) - UFT.

---

Prof.(a) Dr.(a) Brigitte Ursula Stach Haertel - Examinador (a) – UFT.

---

Prof.(a) Ms. Nádia Flausino Vieira Borges - Examinador (a) – UFT.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus toda honra, glória e louvor.

Àqueles que estiveram ao meu lado em todos os momentos (Esposo, filhos, pais, familiares e amigos) que fizeram dos meus sonhos seus próprios objetivos e da minha luta suas conquistas.

Agradeço de forma especial à minha mãe Maria de Fátima que foi e é minha força, sem ela eu não teria vencido esta etapa da minha vida.

Aos meus colegas de turma pelo carinho e trocas de experiências que tanto contribuí no decorrer do curso, em especial às colegas Jéssica Ribeiro, Silvânia Corsino e Julianny Moraes.

A Todos os professores que me ajudaram a construir o meu próprio caminho, a realizar o meu sonho e também contribuíram com o meu amadurecimento, me passando lições e me mostrando a beleza de ser uma eterna aprendiz. Vocês especiais por essência, foram umas das maiores razões para a realização deste sonho.

Meu muito obrigada especial ao professor Ruhena Kelber Abrão Ferreira que me acolheu no final de minha jornada.

Obrigada pelo incentivo nas horas de desânimo, pelo consolo na tristeza e pela presença nas alegrias de minha conquista.

Que eu possa levar as pessoas ao meu redor todo carinho que recebi de vocês.

Que a vontade de aprender e de ensinar nunca sacie e que vocês continuem comigo em minha caminhada.

## RESUMO

Crianças com altas habilidades muitas vezes passam despercebidas devido à falta de um olhar específico do professor para esta necessidade especial, e apesar de parecer que apenas o aluno com déficit tem perdas caso não seja identificado e atendido o aluno com altas habilidades tem perdas significativas no desenvolvimento pleno de suas habilidades trazendo perda para sua comunidade e para sociedade. No Brasil existem alguns programas para crianças com altas habilidades e tem crescido as pesquisas nessa área devido a dedicação de pesquisadoras como Soraia Napoleão Freitas, Nara Joyce Wellausen Vieira entre outras. É nesta temática que este trabalho traz à tona o fato de que não existe nenhum aluno com laudo de altas habilidades na Miracema do Tocantins e Tocantínia no ensino estadual, levanta-se a questão por que estes alunos não são identificados? Alertando que não são apenas os alunos com dificuldades que devem ter a atenção dos professores e da escola, mas aqueles que tem habilidades acima da média também.

**Palavras-chave:** Superdotação. Atendimento educacional especializado. Educação.

## **ABSTRACT**

Children with high abilities often go unnoticed due to the lack of a specific look by the teacher for this special need, and although it seems that only the student with a deficit has losses, if it is not identified and attended to, the student with high abilities has significant losses in development full of his abilities bringing loss to his community and society. In Brazil there are some programs for children with high abilities and research in this area has grown due to the dedication of researchers such as Soraia Napoleão Freitas, Nara Joyce Wellausen Vieira, among others. It is in this theme that this work brings up the fact that there is no student with a report of high abilities in Miracema do Tocantins and Tocantínia in state education, the question arises why these students are not identified? Alerting that it is not only students with difficulties that should have the attention of teachers and the school, but those with above average abilities as well.

Keywords: Giftedness. Specialized educational service. Education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Altas Habilidades/Superdotação .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>A importância da identificação das Altas habilidades/Superdotação na escola.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>39</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com necessidades especiais foi um passo importante para educação. Rumando para uma escola do futuro que será uma escola heterogênea, que aceite a diferença, em que as crianças possam dialogar, debater, discutir e interrogar, o perigo da exclusão, do insucesso e do abandono escolar são perspectivas graves pois quando o aluno não tem acesso à escola é impedido da apropriação da cultura, da cidadania e da liberdade, além da construção das funções psíquicas, (FONSECA, 2008). Todos alunos correm risco de exclusão na escola, mas os alunos com necessidades especiais estão mais vulneráveis a essas e entre estes alunos com altas habilidades/superdotação.

Crianças com altas habilidades/superdotação (AH/SD) muitas vezes passam despercebidas devido à falta de um olhar específico do professor para esta necessidade especial, e apesar de parecer que apenas o aluno com déficit tem perdas caso não seja identificado e atendido o aluno com altas habilidades tem perdas significativas no desenvolvimento pleno de suas habilidades trazendo perda para sua comunidade e para sociedade.

As altas habilidades/superdotação (AH/SD) têm conquistado espaço no cenário nacional, principalmente, a partir do ano de 2000, (MARTINS,2015), quando as pesquisas e estudos sobre o assunto começaram a aumentar de forma significativa.

No Brasil pouco tem sido publicado sobre a temática (FLEITH, 2007) e existem poucos programas para crianças com altas habilidades apesar de ter crescido as pesquisas nessa área devido a dedicação de pesquisadores como. Dra. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez – RS, Dra. Soraia Napoleão Freitas – RS, Nara Joyce Wellausen Vieira entre poucas outras.

No Censo da Educação Básica de 2012, somente 11.025 dos mais de 2,5 milhões de alunos com AH/SD, conforme as estimativas, de acordo com as leis da probabilística, foram registrados como tais, sendo 10.902 em classes comuns e os restantes 123 em classes especiais. Isso explicaria a escassez de serviços públicos de atendimento educacional para os estudantes com AH/SD, que contam apenas com os 27 Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) implantados em 2005, em todas as capitais brasileiras. (PÉREZ, 2014). Com esta estatística podemos prever que deveria existir um número muito maior de estudantes com AH/SD que não foram identificados devidamente, seja pela escola ou pela família

e que estes alunos estão distribuídos estatisticamente em todos âmbitos, escolas particulares e públicas.

Dentre os trabalhos publicados sobre AH/SD os com o tema de Identificação estão entre os mais numerosos, representando 20% da produção sobre altas habilidades no entanto sabemos que no Brasil o número de estudantes registrados como AH/SD ainda é inexpressivo (MARTINS, 2016), logo não basta termos os estudos mas os resultados devem ser divulgados de forma ampla para as escolas públicas de ensino básico bem como para os cursos de graduação em licenciatura, as secretarias de educação devem se apropriar dessas informações e tornar público para os professores e agentes educacionais que trabalham no ambiente escolar.

Existe o crescimento da divulgação social do referido fenômeno, para grande parte da população mas, ainda é impossível suspeitar que pessoas próximas possam estar apresentando AH/SD, mesmo quando notável a presença de uma habilidade superior (MARTINS, 2015), pois apesar de documentários e reportagens ainda se têm entendimentos equivocados do que é uma habilidade superior e que isso possa representar alta habilidade/superdotação.

Na cidade de Miracema e Tocantínia no ensino público estadual a coordenadoria informou que não há e nem houve nenhum aluno com laudo de altas habilidades registrado na sala de recursos com este diagnóstico, sabendo que por questões de probabilidade estes alunos existem, se questiona neste trabalho por que estes alunos não estão sendo identificados. A hipótese é de que é provável que os professores da rede e os profissionais nas salas de recursos não tenham formação específica na área das Altas Habilidades, ou em necessidades especiais onde esta temática é tratada. As famílias desses alunos também não têm conhecimento e não buscam atendimento especializado, devido a informações incorretas sobre o assunto, não entendendo que possuir habilidades superiores é também uma necessidade especial.

Sabe-se que são poucos os cursos de formação inicial que discutem as características de estudantes AH/SD, bem como quais são as estratégias de ensino adequadas para essa população porém iniciativas estão ocorrendo em cursos de pós graduação (MARTINS, 2016). Como no caso das especializações privadas na modalidade à distância, por exemplo.

Para poder atender estes alunos de forma digna temos que identificá-los e prover o atendimento especializado, só assim a inclusão poderá ocorrer. A inclusão

questiona a escola brasileira para que ela se modernize e para que os professores aperfeiçoem as suas práticas, implica um esforço de atualização e reestruturação (MANTOAN, 2010). Pois se a escola e os professores estão falhando em identificar os alunos com necessidades especiais estes alunos não estão tendo o atendimento adequado e estão já em desvantagem perante aos outros e passíveis de exclusão. Por este motivo a identificação dos alunos com AH/SD e o atendimento desses alunos na sala de recursos é tão importante.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) elimina barreiras para plena participação dos alunos considerando suas necessidades específicas, o atendimento complementa e/ou suplementa a formação do aluno buscando sua autonomia e independência na escola e fora dela (MANTOAN, 2010), para os alunos com necessidades especiais não é um privilégio serem atendidos em salas de recursos mas uma forma de adaptar o conteúdo para aquele aluno que precisa e assim tratá-lo de forma justa perante a seus colegas e a sociedade.

As leis, normas e documentos norteadores educacionais, então, determinam e asseguram o direito ao AEE dos estudantes com AH/SD, mas a sua execução e a sua aplicabilidade ficam comprometidas por diversos fatores: o atrelamento da oferta a uma demanda não aferida; a deficiente compreensão das realidades educacionais regionais; a circunscrição dos dispositivos exclusivamente ao âmbito educacional; o pouco conhecimento (ou mesmo desconhecimento) dessas leis, normas e documentos norteadores e das reais dificuldades e necessidades destes estudantes e o preconceito ideológico (PÉREZ, 2014).

As leis garantem um atendimento adequado, a lei de Diretrizes e Bases diz no Artigo 7º que: Os alunos com altas habilidades/superdotação terão suas atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades para altas habilidades/superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes, (BRASIL, 1996), no entanto na prática essas parcerias são frágeis os núcleos se resumem apenas as capitais brasileiras ficando o interior desassistido dos atendimentos de enriquecimento, ficando a responsabilidade apenas para escola e para o profissional da sala de recursos de elaborar e adaptar o currículo para este aluno, o que dependendo da habilidade do aluno é muito difícil para um profissional trabalhar sem parceiros. Há leis inclusive para aceleração em caso de habilidades

avançadas, A aceleração de estudos é um processo escolar que foge ao padrão usual da seriação, exigindo compatibilidade com a legislação vigente. É garantido pela LDB a aceleração para poder concluir em menor tempo o programa escolar para alunos superdotados (BRASIL, 1996).

Por isso, hoje o grande desafio não é mais a criação de novas leis, mas sim a implementação daquelas já existentes. Nesse contexto de múltiplas violações de direitos fundamentais e de omissão do próprio Estado em cumprir as leis que criou, o Ministério Público surge como um dos potenciais aliados das pessoas com deficiência na luta pela concretização dos seus direitos e, conseqüentemente, de sua dignidade e cidadania (SILVA, 2016).

Desta forma podemos observar que nos dias de hoje muitos dos atendimentos especializados são agilizados via Ministério público, mas para isso a família e a escola devem estar atentos e informados para lutar pelo aluno caso o sistema estadual escolar dificulte seu atendimento, seja por falta dos profissionais de atendimento educacional especializado disponibilizados seja pela falta de sala de recursos nas escolas estaduais.

Grande parte das famílias brasileiras não tem informação sobre a superdotação, além de ter limitada possibilidade de oferecer à criança com altas habilidades a estimulação de que ela precisa. A escola e o professor podem muito auxiliar, informando e orientando à família quanto aos procedimentos possíveis na realidade de seu cotidiano (ARANHA, 2002), ressaltando a importância de professores com formação adequada para identificar os alunos com altas habilidades e orientar pois, muito do que é divulgado sobre o tema na televisão, nos jornais e nas revistas é superficial, estereotipado e muitas vezes incorreto. Isso produz concepções inconsistentes e confusas acerca das altas habilidades, além de gerar dúvidas sobre que papel a família e a escola desempenham na educação dos indivíduos com tais características (FLEITH, 2007).

A família das crianças com altas habilidades/superdotação vive desafios inerentes às suas responsabilidades para o atendimento básico das necessidades de manutenção, sobrevivência e estimulação daqueles a quem serve de modelo para a formação, imitação e inspiração desde as primeiras relações interpessoais, (DELOU, 2014). Reforça-se a necessidade de divulgar para a população geral informações corretas sobre AH/SD (BRANCHER & FREITAS, 2008).

Os professores têm grande responsabilidade pois acompanham de perto o desenvolvimento cognitivo das crianças diariamente. Por sua proximidade com os alunos, os professores podem recomendar para o programa aqueles alunos que demonstram outras características que não aquelas tradicionalmente acessadas por testes de inteligência, por exemplo, criatividade, liderança, aptidão para esportes, para artes cênicas, visuais, dança e música, (VIRGOLIN, 2014). Logo estes deveriam estar à frente na percepção da necessidade dos alunos, principalmente no que se refere a sala de recursos e atendimento especializado, pois quando o aluno sair da escola ele recosa da sua autonomia e autoconfiança, esta muitas vezes é baixa em casos de altas habilidades não identificadas.

As altas habilidades podem se apresentar, independente da classe social e das condições físicas presentes. Nas classes ou grupos desprivilegiados, as características de altas habilidades podem ficar camufladas e por isso se torna mais difícil a identificação, necessitando de uma atenção especial para sua avaliação (FREITAS, 2008), este é um aspecto importante pois muitas vezes pelo fato da clientela da escola pública ser de situação sócio econômica baixa se parte do princípio que a incidência de altas habilidades/superdotação serão menores, mas não é isso que os autores percebem em suas pesquisas e estatisticamente não confere pois a AH/SD não é só uma questão ambiental é hereditária e ambiental e a hereditariedade não tem relação com a situação sócio econômica. Logo dizer que nas escolas públicas esses alunos não existem é um preconceito que está enraizado e que dificulta ainda mais a identificação desses alunos.

Os estudantes com AH/SD necessitam de acompanhamento educacional especializado para que possam desenvolver suas habilidades na íntegra, por isso, os profissionais da educação devem se instrumentalizar para saber lidar com essa realidade, (MARTINS, 2016), não significa que por não terem dificuldade quanto a conteúdo não precisam de apoio, eles precisam do apoio além que não se consegue dar na sala de aula, e da estimulação adequada a suas habilidades, muitas vezes os profissionais e professores deverão buscar parcerias dependendo do quão avançada for a capacidade do aluno.

Como coloca Delou:

Nossa cultura escolar está cristalizada em saberes e fazeres que não atendem mais à realidade do aluno novo, do aluno de cérebro e fazer tecnológico, do aluno que mesmo oriundo das classes populares já possui

experiências com as redes sociais na Internet, Blogger, Facebook, Flickr, Google, Myspace, MSN, Orkut, Twitter, Youtube, Wikipidia, entre outros. É preciso avançar e enfrentar a realidade da sociedade digital, impulsionada por mentes brilhantes, autodidatas, muitas vezes donos de valores humanitários surpreendentes e que a nossa escola desconhece. É preciso avançar para que sejamos também criadores de tecnologia e não apenas consumidores contumazes. Fonte Arial, espaço simples e sem aspas. Já arrumei. (DELOU, 2014, p. 680).

Poder identificar as potencialidades de cada aluno para que todos tenham um desenvolvimento pessoal satisfatório bem como intelectual faz parte do processo inclusivo. A inclusão traz para todos nós o desafio de mudarmos nossa forma de ver o mundo, de agir e de pensar. Temos uma grande oportunidade quando convivemos com as pessoas que são diferentes de nós. Oportunidades de crescermos, de nos tornarmos melhor, mais solidários e mais humanos. Todos se transformam nesta convivência. A escola tem um papel fundamental para a mudança deste olhar (HONORA, 2008). Aos poucos devemos tornar essa inclusão mais natural e de melhor qualidade.

Trazemos neste trabalho a denúncia da não identificação dos alunos com altas habilidades no ensino básico das escolas públicas da cidade de Pelotas, e queremos exaltar a importância de sua inclusão no ambiente escolar e do Atendimento Educacional Especializado buscando as causas desta não identificação e também tentar apontar formas de contornar e amenizar esta problemática. Reforçando que não só quem tem dificuldades deve ser ajudado, mas aquele que vai além também necessita de incentivo e condições para alcançar seu potencial pleno.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Altas Habilidades/Superdotação

Quanto à terminologia em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva mantém o termo altas habilidades/superdotação (RANGNI, 2011). O termo Superdotação era utilizado para indivíduos com QI acima de 140 definido por Terman em 1925. Atualmente os testes padronizados não possuem a mesma popularidade e não são suficientes para definir se uma criança possui Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), novas definições e novas visões quanto ao termo emergiram no final do século passado (SMITH, 2008).

A superdotação não é um conceito unitário. Existem várias manifestações de dons e talentos e, desta forma, definições simples não podem explicar adequadamente este fenômeno multifacetado. A confusão sobre as teorias atuais sobre superdotação tem levado muitos pesquisadores a desenvolver novos modelos para explicar esse complicado conceito (REZZULLI, 2014).

A AH/SD não se resume apenas habilidades acadêmicas, Gardner (1995, 2001) aponta que os indivíduos apresentam oito inteligências, que são: corporal-cinestésica, musical, linguística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal e naturalista, sendo que mais uma está em processo de estudo, a existencial. Estas inteligências, conforme o autor, na maioria das pessoas, funcionam combinadas e a resolução de algumas atividades poderá envolver uma fusão de várias delas.

De forma geral os autores concordam que O superdotado talentoso com altas habilidades é aquele indivíduo que, comparado com os seus pares, apresenta uma habilidade significativa superior em alguma área do conhecimento, podendo se destacar em uma ou mais áreas (SANTA CATARINA, 2011).

A AH/SD é desenvolvida ao longo do tempo e que a cultura, as capacidades, o ambiente, o gênero, as oportunidades e a sorte contribuem para o desenvolvimento de dons e talentos (STERNBERG e DAVIDSON, 2005). Lembrando que é um fator hereditário e ambiental, muitas vezes o ambiente é fundamental para emergir os talentos mas nem sempre, muitas vezes a alta habilidade se sobressai de qualquer obstáculo seja social ou econômico, pois é comum nas crianças com AH/SD resiliência.

Pensando que a característica biopsicológica da inteligência lhe adjudica origem tanto genética quanto ambiental. A capacidade de serem ativadas ou não de acordo com o contexto cultural é muito clara se pensarmos em diferentes configurações socioculturais (PÉREZ, 2008), logo dependendo de como a cultura de uma cidade ou de um país prioriza o conhecimento faz diferença no desenvolvimento intelectual de seus cidadãos, principalmente quanto a estrutura escolar.

Assim como os Estados Unidos, muitos outros países, tanto do ocidente quanto do oriente, passaram a visualizar vantagens e benefícios provenientes da educação desses indivíduos (MARTINS, 2015), pensando no desenvolvimento tecnológico e social do país através do potencial de pessoas com AH/SD, apesar de haver um interesse basicamente econômico são países que valorizam a produção do conhecimento e incentivam e potencializam programas parceiros de escolas para auxiliar no currículo enriquecido das crianças com AH/SD.

A sociedade moderna caracteriza-se ainda por um novo paradigma de produção e de desenvolvimento que tem como elemento básico a centralidade do conhecimento e da educação, (LIBÂNEO, 2010). Onde as grandes empresas anseiam por talentos e pessoas que se destacam como as pessoas com altas habilidades, entendendo essas pessoas como fonte de produção mas no entanto não existem programas aqui no Brasil que busquem essas pessoas ainda na escola básica. As agências de fomento têm programas de incentivo ao desenvolvimento de vocações e talentos para a ciência e a inovação nas universidades, mas ainda falta a Educação Básica se empoderar deste conhecimento de forma a participar, de maneira mais efetiva, para a formação e desenvolvimento das vocações e talentos dos alunos brasileiros (DELOU, 2014).

Claro que este não deve ser o objetivo da escola, o objetivo da escola para com as pessoas com altas habilidades deve ser contribuir para sua autonomia e oportunizar o uso de suas capacidades, como coloca Rech (2007) a inclusão desses alunos deveria intencionar a afirmação da identidade dessas pessoas que possuem potencialidades e dificuldades, a fim de que alcancem, primeiramente, a realização pessoal.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), as Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) são pessoas com necessidades educacionais especiais. O Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que durante o processo



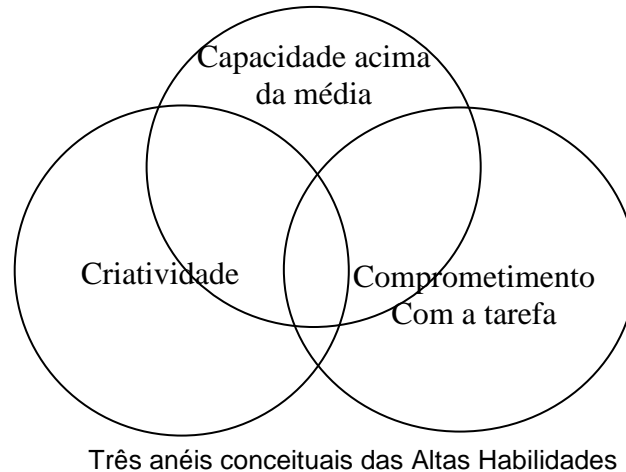
educacional apresentarem: III – altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (BRASIL, 2001).

Em nosso meio uma das concepções sobre o superdotado é de que seria aquele indivíduo que sai bem nos testes de inteligência ou que apresenta um desempenho intelectual superior. O que gostaríamos de salientar entretanto, é que os testes tradicionais de inteligência medem apenas uma parcela, uma amostra muito limitada do que poderíamos considerar como inteligência humana (ALENCAR, 2001). Devemos ter claro e reforçar que superdotado não significa aquele que tem QI (quociente intelectual) alto, não podemos esquecer de levar em consideração as diferentes inteligências consideradas por Gardner e que muitas delas não são possíveis de identificar com testes objetivos numéricos.

De acordo com Renzulli, 1997, o comportamento superdotado consiste em comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos de traços humanos: capacidade acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade.

Logo as crianças com AH/SD devem ter presentes essas três características. Os indivíduos capazes de desenvolver comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano (RENZULLI e REIS, 1997), esses autores também fazem uma distinção entre ser superdotado, um conceito absoluto, e em poder desenvolver comportamentos de superdotação, um conceito relativo, que pode variar em graus de comportamentos de superdotação que podem ser desenvolvidos em algumas pessoas, em certo tempo e sob certas circunstâncias

Em seus trabalhos o autor costuma colocar as características no diagrama como abaixo, que ele chama de os três anéis conceituais das Altas Habilidades (RENZULLI, 1978, 1988):



Renzulli coloca:

O comportamento superdotado consiste em comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos de traços humanos - capacidade acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. Os indivíduos capazes de desenvolver comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. (RENZULLI, 1997, p. 8).

O fundo em que estão inseridos os três anéis representam o ambiente familiar, a escola, a personalidade do próprio sujeito que também interferem no desenvolvimento das AH/SD (BRANCHER; FREITAS, 2008).

Essas crianças só precisam acesso precoce do que já está disponível para crianças mais velhas (CLYDES, 2016), elas não sofrem de falta de capacidade ou por dificuldades mas tem desvantagens por não terem acesso a serviços para poderem alcançar seu potencial, e muitas vezes apresentam problemas comportamentais, desinteresse e distração em sala de aula (SMITH, 2008). As AH/SD tem a questão genética e hereditária e a ambiental, sabe-se que não basta a genética. Nossa rede neural, que ajuda a sustentar a nossa aquisição de conhecimento é permeada por um mapa constitutivo, por elementos que chamamos de subjetividade, a subjetividade é fruto do resultado do corpo com o ambiente, dos entraves e das soluções encontradas para cada choque de sobrevivência da nossa existência com o mundo (ROTTA, 2016).

Neste sentido, as pessoas com altas habilidades salientam-se em relação a seu grupo social, em uma ou mais destas “inteligências” ou habilidades, evidenciando sua capacidade superior. Com o entendimento destas habilidades, pode-se perceber que os indivíduos com altas habilidades/superdotação apresentam características que

podem ser evidenciadas em comparação a um grupo, as quais podem ser observadas pelas pessoas de seu convívio ou por ela mesma. (Freitas, 2008), uma das formas de identificação conta com tabelas que utilizam das informações de colegas, professores e família sobre o aluno.

Um mito que costuma estar muito enraizado é aquele de que a pessoa com AH/SD é “melhor” do que as demais; logo, dentro de um sistema meritocrático, ela mereceria (conforme a origem da palavra mérito) um atendimento educacional melhor do que o oferecido aos demais alunos e isso não é bem visto nem aceito por algumas pessoas que pregam a igualdade de direitos e a abolição de privilégios sociais que a democracia deveria assegurar (PÉREZ, 2014), no entanto a defesa aqui é por uma igualdade de oportunidades e o melhor aproveitamento das potencialidades de todos alunos, inclusive os com AH/SD.

Percebe-se a educação do aluno com AH/SD como um investimento rentável, porém, não podemos ter a economia vigente como um norteador educacional, mesmo que possa ter havido historicamente, uma distorção na compreensão da educação para esses indivíduos, o aluno com AH/SD deve receber atenção especial não porque é melhor ou pior que os outros, mas porque é diferente, e essa diferença não é, em hipótese alguma, um sinônimo de superioridade (MARTINS, 2015).

Por fim é muito importante reforçar então que as AH/SD superaram paradigmas importantes e que ainda há muitos estudos e muitos aspectos subjetivos estão em construção e sendo pesquisados quanto a seus conceitos, Renzulli foi muito didático quando abordou que: a definição de superdotação:

- a) deve estar baseada nas melhores pesquisas e não em noções românticas sobre ela;
- b) deve oferecer orientações para construir instrumentos e procedimentos que possam ser usados para elaborar sistemas de identificação defensáveis;
- c) deve orientar-se e estar relacionada às estratégias e materiais pedagógicos, à capacitação de professores e à avaliação dos programas;
- d) deve ser capaz de gerar estudos que validem ou não esta definição (RENZULLI, 1988).

## **2.2 A importância da identificação das Altas habilidades/Superdotação na escola**

Resultados de pesquisa apontam para o papel crítico dos pais e professores na determinação do nível de excelência obtida posteriormente pelo jovem. Sabemos que cada um de nós tem um importante papel no aperfeiçoamento da sociedade; no entanto, este papel apenas pode ser desenvolvido se fornecermos a todos os alunos as oportunidades, os recursos e o encorajamento necessários para aspirar ao mais alto grau, humanamente possível, de desenvolvimento do talento. Este é o objetivo para o qual vale a pena lutar (VIRGOLIN, 2014).

Identificar a necessidade de um aluno é prevenir a exclusão. A segregação se encontram exclusivamente nas políticas de inclusão que oferecem vaga aos alunos em situação de Necessidades Educacionais Especiais nas escolas sem proporcionar de maneira adequada formação aos professores, uma vez que o processo educativo depende das atitudes apresentadas por esses atores, dos valores construídos durante sua carreira permeada pela formação continuada e acompanhada de fatores que não se apresentam internamente à escola (BENITE, 2013).

Logo não é o atendimento diferenciado que exclui o aluno, ou o faz se sentir diferente o aluno já é diferente, todos somos mas todos devemos ter oportunidades iguais tratar o diferente como igual é que não permite uma educação democrática como traz Freitas, 2008, a inclusão, direcionada para a educação, traz consigo um objetivo, que é aceitar a diferença no contexto escolar e possibilitar seu acesso ao conhecimento. Da forma mais democrática possível.

O trabalho de identificar e dar suporte acadêmico para estudantes talentosos tem levantado questões polêmicas quanto a rotular essas crianças e a baixa eficiência nos meios de procurar e identificar talentos em comunidades pobres e rurais (CLYDES, 2016). No entanto a não identificação também trazem problemas de identidade e aceitação desta criança consigo e com os outros, pois ela é em essência diferente, não entender a diferença pode causar problemas de socialização e/ou isolamento, além do desperdício das habilidades. (BRANCHER; FREITAS, 2008).

Deve-se no entanto ter muito cuidado e seriedade na identificação pois pode-se confundir com precocidade, por este motivo o diagnóstico definitivo das AH/SD não deve acontecer com menos de 3 anos de constantes avaliações para poder confirmar que não é apenas precocidade. Não é difícil imaginar o efeito negativo e prejudicial

que um falso diagnóstico de AH/SD em um caso de precocidade, que no caso a “normalização” do rendimento e desenvolvimento não se deve necessariamente há uma falta de envolvimento ou falha do sistema educacional, com o passar do tempo, os colegas alcançam as capacidades, igualando-se a criança precoce situação que costuma ser vista como perda de rendimento desta, mas não significa perda a não ser pela vantagem em rapidez maturativa (SANCHEZ-CANO, 2008).

É fato que o papel do professor e da escola na identificação do aluno superdotado ou talentoso é de suma importância, pois é o professor que, através do contato diário com os estudantes, pode perceber indícios de um potencial superior e, assim, fazer uma primeira identificação desse indivíduo (BAHIENSE, 2014). Deve-se ter cuidado para não jogar a responsabilidade para o professor de forma que este tenha que descobrir tudo por si só.

A formação desse profissional é preocupação inerente que não deve parecer apenas como uma capacitação para identificação dos indícios de AH/SD em sala de aula, por outro lado aliar as políticas públicas existentes a uma formação que propicie um trabalho com os alunos em situação de AH/SD (BENITE, 2013).

Muitos dos inovadores que estão avançando na ciência, tecnologia e cultura são os que tiveram suas habilidades cognitivas únicas identificadas e desenvolvidas nos primeiros anos através de programas de enriquecimento. Querendo ou não essas pessoas controlam nossa sociedade (CLYDES, 2016). Apesar de parecer extremo a forma como, Clydes entende a necessidade das crianças com AH/SD no mundo, pois coloca muita pressão sobre elas foram pessoas com AH/SD que fizeram as grande colaborações e mudanças.

A identificação de alunos com altas habilidades/superdotação é um aspecto que tem chamado a atenção inicialmente porque envolve o conhecimento de indicadores de características individuais que evidenciam uma capacidade superior, em uma área de interesse do aluno. Tem em vista possibilitar que cada sujeito possa expressar suas contribuições para a sociedade, e no caso destes sujeitos, podendo deixar contribuições significativas para o futuro da humanidade (FREITAS, 2008).

Ao contrário das demais áreas da Educação Especial, a identificação é parte integrante do atendimento educacional especializado, porque não pode ser feita apenas por um laudo, visto que não se trata de uma patologia ou deficiência aferível, mas ao longo de um processo contínuo e relativamente demorado que precisa avaliar a presença, intensidade e consistência dos indicadores de Altas

Habilidades/Superdotação, no contexto escolar, que devem ser registrados em parecer pedagógico (PÉREZ, 2014).

Ressalta-se que o processo de identificação realizado precocemente contribui na prevenção de problemas de aprendizagem e de fracasso escolar, tendo em vista que tem como intuito orientar pais e professores na organização do espaço e das estratégias escolares para a valorização e o desenvolvimento destes alunos (FREITAS, 2008). Após a identificação é necessário criar um ambiente de estímulo e uma adaptação de currículo que desafie os estudantes com suas habilidades (CALLAHAN, 2015) para que não repudiem o ambiente escolar como um ambiente desinteressante e monótono.

Algumas características que são comuns em crianças com AH/SD: Pensamento abstrato, administra e processa informações de forma rápida e significativa, resolve problemas, aprende rapidamente, demonstra curiosidade intelectual, é bastante interessada, rejeita repetições e rotina, pode agir de modo caprichoso, demonstra alto nível de habilidade verbal, adapta-se a novas situações de aprendizagem, focaliza-se e concentra-se em um assunto ou ideia por longo tempo, altamente motivada por atividades acadêmicas, faz autocrítica, destaca-se, brinca com amigos mais velhos, é persistente, ativa, individualista, força de caráter, demonstra habilidades de liderança, preocupa-se com questões éticas, corre riscos, é independente e autônoma, muito sensível com os outros e consigo mesma, tem senso de humor maduro, usa expressões diferentes, busca perfeição e vive grande estresse em razão de falhas (SMITH, 2008; PÉREZ, 2008). Essas características estão bem descritas e analisadas na tese de Pérez (2008).

É importante ressaltar que dois indivíduos superdotados não são iguais, por isso é necessário reconhecer suas reais características para que se possa atender educacionalmente sua individualidade (OLIVEIRA, 2007), o aluno pode ter habilidade específica em uma área apenas ou em múltiplas áreas, por isso a importância do professor da sala de recursos buscar parcerias com professores da própria escola das áreas específicas como também de fora da escola, em cursos técnicos, universidades, núcleos especializados, etc.

Crianças superdotadas com histórico de desvantagem são mais correm riscos significativos de não perceber seu potencial. Um histórico de desvantagem pode significar muitas coisas dependendo do contexto educacional. Pode se referir por exemplo a status de condições socioeconômicas baixo, minoria, refugiados,

imigrantes a comunidades rurais isoladas ou até ao sistema judiciário da criança e do adolescente (MERROTSY, 2013).

Condições econômicas e sociais favoráveis podem concorrer para um excelente aproveitamento dos talentos inatos (VYGOTSKY, 1988), desta forma sabemos que os alunos da escola pública estão em menor vantagem mas não são incapazes de explorarem suas capacidades, lembrando que a resiliência é uma característica dessas crianças, elas muitas vezes superam as barreiras ambientais, cabe também a escola diminuir esse quadro de desvantagem.

### 3 METODOLOGIA

Será realizada uma pesquisa ação em três escolas estaduais pública com sala de recurso na cidade de Palmas/ TO onde em um primeiro momento serão aplicados questionários e entrevistas abertas e semiestruturadas. A modalidade semiestruturada possibilita a extração de fatos, opiniões e perguntas abertas YIN (2001), as entrevistas serão realizadas com os profissionais da sala de recursos e com professores regulares dos anos iniciais sobre alunos com altas habilidades e sua identificação (em anexo). Os resultados das entrevistas serão tabulados para posterior análise e discussão.

Para realizar a pesquisa será informado para a escola a realização, justificativa, procedimentos e objetivos da pesquisa, bem como obter da direção de cada escola a permissão para realização do estudo.

Por fim foi acordado com a escola que após a realização e a finalização da pesquisa será feita uma apresentação para a escola dos resultados deste trabalho, bem como uma palestra sobre conceitos, mitos e principalmente sobre a identificação de alunos com altas habilidades/superdotação para a equipe docente da escola bem como para toda comunidade escolar que queira participar.



## 4 RESULTADOS

A escola visitada tinha profissional especializado trabalhando na sala, mas é sabido que muitas outras não possuem nem a sala, muito menos o profissional. Foram entrevistados 05 professores de sala regular de primeiro ao quinto ano dessa escola com sala de recursos e 05 professores de sala de recursos. Os professores responderam um questionário semiaberto (em anexo), os questionários para os profissionais da sala de recursos e da sala regular foram diferentes.

Quanto aos profissionais da sala de recursos dos cinco entrevistados:

Questão 1: todas tinham especialização em educação especial.

Questão 2: A média de atuação nesta área é de 10 anos, sendo que para a menos experiente possui 5 anos, a mais possui 14 anos de docência nesta área..

Questão 3: Quatro tiveram algum tipo de formação com a temática de altas habilidades como uma cadeira do curso de pós graduação e uma delas disse que lhe foi ofertado também uma formação pelo estado mas não teve interesse em fazê-la. A outra disse que teve uma formação em Porto Alegre ofertada pela Coordenadoria de educação sobre a temática.

Questão 4: Das Três profissionais de sala de recursos que nunca receberam um aluno com altas habilidades/superdotação duas são as que tem mais de 20 anos de experiência em sala de recursos e/ou classe especial, das outras duas uma recebeu um aluno e a outra quatro.

Questão 5: A profissional que recebeu 4 alunos os recebeu com indicadores de problemas comportamentais, pois os alunos incomodavam durante a aula dos professores, a profissional que recebeu um aluno recebeu com parecer de uma psicopedagoga que a mãe encaminhava com indicador de alto interesse em geografia, as outras não receberam nenhum aluno com indicação de altas habilidades/superdotação.

Questão 6: Das cinco profissionais entrevistadas três se sentem confortáveis em atender alunos com altas habilidades e uma não, a outra diz que apesar de nunca ter tido oportunidade de trabalhar com essas crianças e que teria estudar e buscar aperfeiçoamento para tal.

Quanto as professoras entrevistadas da sala regular:

Questão 1: Das cinco entrevistadas que são regentes de classe de turmas de primeiro a quinto ano do fundamental, todas tem formação em pedagogia, algumas

também possuíam magistério, além da formação básica algumas professoras ainda colocaram cursos de especialização.

Questão 2: 3 professoras nunca tiveram formação sobre necessidades especiais, uma fez um curso mas que isso fazia sete anos, e as outras 2 tiveram essa formação na pós graduação em psicopedagogia.

Questão 3: Quanto a frequência de encaminhamento de alunos para sala de recursos, três professoras encaminham com frequência, eventualmente disse uma e outra nunca encaminhou.

Questão 4: Quanto a formação específica sobre altas habilidades/superdotação dezesseis professoras alegam que nunca tiveram nenhum tipo de formação, apenas uma disse que foi abordado na pós graduação esta temática.

Questão 5: Quanto ao encaminhamento de alunos com indicadores AH/SD para sala de recursos, três professoras nunca encaminharam e duas encaminharam, um desses alunos com autismo, outro com habilidade acima da média e grande envolvimento com a tarefa e o terceiro se alfabetizou em um mês além de ter excelente memória, a professora encaminhou pois tinha problema de socialização e não lidava bem com a frustração.

Questão 6: Quanto a quantidade de alunos encaminhados, se resumiu aos três alunos identificados por cada uma das professoras.

Questão 7: Quanto ao entendimento sobre o que é altas habilidades as respostas foram mais elaboradas e mais de uma característica foi colocada nas respostas, das características abordadas: duas professoras entendem que são crianças com aprendizagem avançada, uma falou sobre capacidades especiais, acima da média, duas falaram sobre criatividade, uma sobre a rapidez de realização de tarefas, uma abordou o quociente intelectual (QI) elevado, uma respondeu também curiosidade. Mesmo sendo apenas 5 professoras as respostas vieram das formas mais variadas.

## 5 DISCUSSÃO

Em relação ao questionário com os profissionais da sala de recursos, na primeira questão observa-se que todos professores atuantes têm formação em necessidades especiais o que é importante assegurando a formação adequada desses profissionais que ocupam um cargo de muita responsabilidade e complexidade, lembrando que a sala de recursos recebe todos tipos de necessidades.

Na segunda questão elucida-se que são profissionais experientes com apenas uma delas com experiência abaixo de 10 anos. Logo são profissionais que além de terem uma boa formação possuem muita experiência com necessidades especiais, essa experiência também é importante na questão dos materiais pois a maior parte dos materiais adaptados e utilizados em sala de recursos são de produção artesanal pelas próprias profissionais, logo a experiência também reflete na riqueza desses materiais disponíveis para utilização dos atendimentos educacionais especializados.

Na terceira questão onde se pergunta sobre formação específica em altas habilidades/superdotação, três das profissionais tiveram a formação em uma disciplina da pós e duas tiveram uma formação específica sobre esta temática, importante salientar dois pontos nas respostas dessa questão, um que a formação específica sobre AH/SD é mais comum em cursos de pós graduação como uma disciplina. Sobre a importância dessa formação, Martins coloca:

Os estudantes com AH/SD necessitam de acompanhamento educacional especializado para que possam desenvolver suas habilidades na íntegra, por isso, os profissionais da educação devem se instrumentalizar para saber lidar com essa realidade. (MARTINS, 2016, p. 4.)

Na quarta pergunta se questiona quantos alunos com alta habilidades este profissional recebeu em sua sala de recursos, considere este dado muito relevante pois somando de todas profissionais apenas 5 alunos foram recebidos com esse indicador, é incrível de pensar que se somarmos os anos de trabalho de todas essas profissionais temos muitos anos de experiência em sala de recursos e em todos esses anos apenas 5 alunos foram encaminhados. Estatisticamente não é possível esse número tão baixo o que aponta um problema na identificação desses alunos, eles estão invisíveis aos olhos da escola.

Também é importante frisar que como foi observado na questão um e dois são profissionais com boa formação e com muita experiência se os alunos não foram

identificados por essas profissionais é mais provável que os alunos com sinais de AH/SD não foram diagnosticados por causa de falta de competência dessas professoras mas não foram sequer encaminhados para sala de recursos com esses indicativos.

Na quinta questão observa-se que das profissionais que receberam esses alunos um foi com indicação de um outro profissional um psicopedagogo ao qual o aluno já frequentava, ou seja não foi uma identificação da escola e os outros foram encaminhados com indicadores comportamentais e não com AH/SD, esta foi identificada pela profissional da sala de recursos, o que corrobora que estes alunos não são identificados na escola pelos professores regulares de sala de aula, provavelmente por desconhecerem as características presentes nessas crianças bem como os conceitos sobre AH/SD

Na última questão três das profissionais demonstram gostar de trabalhar com este tipo de aluno, uma não respondeu pois não sabia dizer já que nunca recebeu um aluno com AH/SD, e outra apesar de nunca ter recebido esse tipo de aluno disse que precisaria estudar, mas reforçou que a experiência traz a necessidade de formação e que deve-se sempre buscar ela, que não se pode usar da falta de formação como uma desculpa para dizer que não está preparado para algo, importante ressaltar esse comentário da professora de sala de recursos pois muitas vezes ouvimos professores de sala regular resistirem trabalhar com alunos com necessidades especiais com o argumento de que não possuem a formação e que não estão preparados para receberem esses alunos, no entanto o professor deve estar em constante formação e adapta-la de acordo com as necessidades de seus educandos.

Quanto aos questionários com os professores de sala de aula regular, na primeira questão, pode-se observar que a maioria é formado em pedagogia e que uma grande parte possui pós graduação, este é um dado importante para esta pesquisa já que se sabe que a temática de AH/SD tem sido abordadas nesses cursos de pós graduação em disciplinas.

Na questão dois onde se perguntava sobre a formação em necessidades especiais de uma forma geral, as que possuíam algum tipo de formação foi adquirida através do curso de pós graduação em psicopedagogia, apenas uma fez uma formação sobre necessidades especiais que foi ofertada pela secretaria de educação.

Na questão três a maioria das professoras de sala regular responderam que frequentemente encaminham alunos para sala de recursos, é importante observar

neste dado que existe o encaminhamento, logo existe a identificação de necessidades especiais, mas daquelas das que representam dificuldades do aluno de entender o conteúdo na sala de aula, atrasos cognitivos, ou então questões de comportamento e socialização com os colegas e com a professora que não conseguem ser contornados em sala de aula.

Na quarta questão que abordava sobre a formação específica sobre altas habilidades/superdotação, dezesseis professoras alegaram que nunca tiveram formação específica sobre a temática e apenas uma professora teve essa formação no curso de pós graduação como uma disciplina da mesma, este dado é grave pois a falta de formação específica compromete a informação correta para o professor sobre esta necessidade especial o que irá comprometer diretamente a identificação desses alunos. Este dado comprova a hipótese do trabalho de que a identificação de alunos com AH/SD não ocorre devido à falta de formação e informação dos professores acerca da temática de AH/SD.

Na quinta questão apenas três professoras fizeram o encaminhamento, neste dado é interessante mostrar que um dos encaminhamentos foi por questões comportamentais, como aponta Smith (2008) esses alunos muitas vezes apresentam problemas comportamentais, desinteresse e distração em sala de aula, Pérez (2008), em sua tese comenta o quanto essas crianças se isolam por não se adaptarem. Na sala de recursos foi observado que o problema de comportamento era proveniente da alta habilidade, o diagnóstico não foi levado adiante e concluído mas a criança foi atendida no atendimento educacional especializado com essa indicação e tratada como tal. Outro aluno só foi encaminhado pois a mãe já levava a uma psicopedagoga e esta pediu o atendimento com a indicação de AH/SD, o diagnóstico também não foi levado adiante, o outro aluno possuía Síndrome de Asperger associado a AH/SD, no entanto apenas o primeiro diagnóstico prevaleceu. Lembrando que o diagnóstico definitivo de AH/SD leva anos de acompanhamento, e deve existir um cuidado para não confundir com precocidade e com estimulação (SANCHEZ-CANO, 2008).

Na sexta questão observamos o número baixíssimo de apenas três alunos que foram atendidos em sala de recursos com indicação de AH/SD, é um número muito baixo que com certeza não condiz com a realidade, corroborando a hipótese de que estes alunos não estão sendo identificados nem encaminhados e que após os poucos encaminhados não é fechado um diagnóstico e feito outros encaminhamentos adequados. Uma professora relatou: “Com vinte anos de magistério nunca identifiquei

um caso de Altas Habilidades, o que mais identificamos é o contrário, alunos com dificuldade de aprendizagem”, provavelmente as professoras só prestem atenção nas dificuldades como um sinal de alerta e aquele aluno que não está com problemas ou que até esteja bem demais não é levado em consideração de alguma atenção a mais.

Na última questão, levando em consideração o conceito mais utilizado e aceito sobre AH/SD de Renzulli que diz que este alunos deve ter três características, sendo elas: capacidade acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade, a primeira característica foi a mais comentada, seis professoras falaram em aprendizagem avançada quatro em capacidade a mais e quatro em capacidades especiais em certas áreas, nenhuma falou em comprometimento com tarefa e apenas três falaram em criatividade como uma característica desses alunos.

Esses dados mostram que essas professoras de sala regular não possuem a informação básica dos conceitos de AH/SD. Como então uma profissional vai identificar os alunos com esta necessidade especial quando não sabem sequer o os conceitos básicos?

A análise dos dados pareceu indicar que os professores participantes possuem uma concepção de que o aluno com AH/SD é uma pessoa que tem aprendizagem avançada e capacidades a mais. Mas o mais importante os dados comprovaram que os professores não tem formação sobre esta área específica e em necessidades especiais pouquíssimas professoras, apenas duas, possuem formação, ou seja não só os alunos com AH/SD correm o risco de não serem identificados mas outros com outras necessidades especiais também. Corroborando a hipótese apresentada neste trabalho.

Quanto as altas habilidades estudos corroboram o que esta pesquisa apresentou que os professores não têm formação adequada para este tipo de necessidade (BAHIENSE, 2014; BENITE, 2013; PÉREZ, 2014), muito por falta de oferta de formação e por falta desta temática nos cursos de graduação (licenciaturas), do que pela falta de interesse, a maioria dos profissionais não percebem a temática das latas habilidades relevante por não terem conhecimento sobre.

Os professores não tendo uma formação adequada para estar lidando com essas pessoas, demonstram, assim, que há uma falha no sistema de ensino superior na promoção desse conhecimento. Tal formação é primordial para que o profissional possa identificar o aluno de forma correta, e, dessa forma, possa agir de acordo com

a necessidade do discente. Deve-se aumentar a criação e/ou a oferta de disciplinas nos cursos de graduação e pós graduação (PÉREZ, 2008).

Quanto à falta de formação e abordagem do assunto das altas habilidades nos cursos (PÉREZ, 2014) elucida que por se tratar de um tema ainda não aprofundado na Educação Especial, geralmente não associado a ela, e povoado de mitos e crenças populares, as AH/SD não são incluídas nos cursos de formação inicial nem continuada; não se considera a possibilidade de atendimento nas Salas de Recursos Multifuncionais (às quais são encaminhados apenas os alunos com deficiência) e os estudantes que apresentam esse comportamento não são identificados, acreditando-se que eles não existem.

Visto que é inexistente a oferta de Cursos de Especialização em Altas Habilidades/Superdotação nas universidades brasileiras, reforçando e “justificando” a ausência de serviços de atendimento educacional em nível estadual (PÉREZ, 2014), e que poucos cursos de formação que são oferecidos aos professores da educação básica trazem esta temática em foco como observamos nos resultados da pesquisa.

Neste trabalho se salientou a importância de identificar os alunos com altas habilidades, pois estes alunos estão invisíveis na amostra estudada como apontam diversos autores (FREITAS, 2008), e que a simples divulgação do assunto pode alterar este quadro, o que é uma proposta para próximos trabalhos.

Após conversar com os professores durante as entrevistas alguns já mencionavam alunos que poderiam se encaixar como AH/SD. Percebe-se que os alunos com altas habilidades/superdotação estão presentes em grande número nas escolas e que muitas vezes passam despercebidos pelo olhar do professor e dos familiares (FREITAS, 2008).

No entanto a maioria dos docentes se mostram descreditados que estas crianças estejam em número significativo na escola pública, entendem que casos de AH/SD são exceções, já que o público da escola pública são crianças na sua maioria em baixas condições socioeconômicas como mostra o relato de uma professora feito a mim durante um dos questionários “Na nossa clientela é difícil ter algum aluno com esta característica.”, quanto a este tipo de pensamento Fleith (2007) alerta, sobre o fenômeno de altas habilidades/superdotação que ainda é pela mídia e pelo senso comum ainda é permeado por mitos e concepções muitas vezes cercada de preconceitos que provocaram reações contraditórias. Assim como este estudo a tese de Peres, 2008 constatou a quase-invisibilidade destes alunos na sala de aula, dentro

de suas próprias famílias e, inclusive, para eles próprios. É impressionante que mesmo após oito anos ainda não avançamos na questão da identificação de alunos com AH/SD nas escolas de nosso país.

Estudos mostram que as crianças das escolas públicas são atualmente crianças em conjuntura de desvantagem e estão especialmente em risco de serem crianças com altas habilidades invisíveis aos olhos de seus professores e famílias (MERROTSY, 2013), invisíveis muito pelo preconceito de sua condição social e/ou econômica, em muitas conversas sobre a temática que tive com diversos professores muitos comentam de forma natural que as altas habilidades é algo mais difícil de encontrar na escola pública reforçando este mito que está enraizado na nossa cultura de forma geral.

Mas essas crianças existem. Crianças não identificadas tem baixa confiança, desacreditam o sistema educacional e seus professores, tem medo de falhar, sofrem para encontrar identidade pessoal e são sujeitos de uma enorme pressão social quanto as suas escolhas (METERROTSY, 2013). A importância de identificar essas crianças não vem apenas em um sentido de ganho para sociedade mas principalmente para dar qualidade de vida para essas crianças quanto sua relação consigo mesmo e com os outros.

Não é o suficiente identificar potenciais superdotados, tem que haver um desenvolvimento apropriado para manter a chama das acesa deste potencial (CLYDES, 2016), por isso a importância das parcerias para auxiliar no enriquecimento do currículo e dos conteúdos, até porque o profissional de sala de recursos não tem como ter todos conhecimentos de todas áreas de forma avançada em nível universitário.

O atendimento educacional especializado desponta como um dos principais indicadores das mudanças na educação especial para compor uma inclusão escolar (MANTOAN, 2010). É através deste atendimento que o aluno irá receber a qualidade de ensino e terá uma maior chance de se manter interessado no ambiente escolar, se sentir desafiado e crescer de acordo com suas capacidades, é também através da parceria dos profissionais da sala de recursos com os professores de sala regular que otimizam a experiência escolar para esses alunos e potencializam suas capacidades. A educação Inclusiva ainda é um movimento em construção (BRANCHER, 2011).

Nos dias de hoje na realidade do estado do Tocantins, vivenciamos a falta de atendimento especializado; falta de diagnóstico precoce; falta de apoio das famílias



que estão fragilizadas e doentes; falta de capacitação profissional da saúde e da educação; falta de professor/cuidado auxiliar; falta de medicamentos nas farmácias públicas e a falta de resposta rápida e efetiva do Poder Judiciário (SILVA, 2016). É triste saber que apesar do avanço em termos de pesquisa, estudos, leis na área de educação na prática ainda estamos muito atrasados na questão da inclusão das necessidades especiais e das políticas públicas.

É aos gestores, também, que compete elaborar o planejamento estratégico que lhes permitirá implementar, no ritmo e na intensidade possíveis, o preparo dos professores e dos demais profissionais da educação, bem como as adaptações curriculares que se mostrarem necessárias (ARANHA, 2002). Esses gestores não são apenas os gestores da escola, equipe diretiva e coordenação escolar mas os gestores dos municípios e os gestores do estado que devem priorizar a educação e investir nela em todos sentidos. Enquanto não houver políticas sérias em prol da educação de qualidade para todos as escolas estarão sempre no limite tentando funcionar como se é possível mas sem real progresso.

É importante ressaltar que apesar de durante este trabalho se falar muito sobre a responsabilidade dos professores na identificação dos alunos e na busca de formação continuada, da responsabilidade das escolas neste suporte para os professores e das famílias também na identificação e estimulação dos alunos, devemos acima de tudo cobrar e responsabilizar nossos governantes, nossas secretarias e coordenadorias, cobrar políticas públicas sobre inclusão e educação, cobrar formação continuada para profissionais que trabalham no ambiente escolar e maior qualidade de educação para as escolas públicas de educação básica das nossas cidades.

Deve-se tratar com seriedade o assunto de altas habilidades e superdotação muitos autores acreditam que estas pessoas são fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade, como diz Clydes:

São esses alunos que podem moldar o futuro, todos os problemas sociais de agora, seja sobre saúde, mudanças climáticas, terrorismo e energia, são essas crianças que tem o maior potencial de resolver esses problemas, essas são as crianças que devemos colocar nossas apostas. (CLYDES, 2016, p. 153).

Os dados da pesquisa comprovam a hipótese inicial de que os alunos com AH/SD não são identificados devido à falta de formação sobre a temática e falta de

informação de forma geral. Pelos resultados nota-se que quase não há formação sobre a temática salvo as disciplinas de pós graduação que abordam as Altas Habilidades/ Superdotação, os resultados também comprovam que a problemática de não entender os conceitos sobre essa necessidade especial estão relacionadas com a falta de identificação desses alunos na sala regular. Também foi observada a não conclusão do diagnóstico de AH/SD dos poucos que foram encaminhados para sala de recursos com essa identificação, provavelmente pela problemática de concluir o diagnóstico pois deve-se considerar a frequência e a duração desses conceitos (BRANCHER; FREITAS, 2011) a fim de não confundir com estímulo ou precocidade, esses diagnósticos levam anos (SANCHEZ-CANO, 2008).

A hipótese comprovada reforça a necessidade de auxiliar na formação dos professores quanto a essa temática e para um amplo movimento nacional para o que são AH/SD (BRANCHER; FREITAS, 2011), alguns trabalhos já estão sendo realizados com a finalidade de chamar atenção dos professores sobre alunos com AH/SD, como o caso da tese de Pigozzo que na sua conclusão diz:

Enquanto a educação não concretiza os ideais democráticos de atendimento às necessidades especiais de todos estes brasileiros diminuindo as diferenças de oportunidades, sofre a nação, que desperdiça o talento daqueles que poderiam fazer a diferença na construção da história do Brasil. (PIGOZZO, 2012, p. 5).

Apesar de entender que é abusivo deixar o futuro apenas nas mãos de pessoal com AH/SD acredito que a potencialização dessas pessoas irá sim contribuir de forma positiva no desenvolvimento da nossa nação de forma geral, senão no mínimo para que estas crianças como diz Virgolim (2007), tenham uma vida mais satisfatória e produtiva.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva é uma realidade, cada vez mais as escolas regulares recebem alunos com necessidades especiais, no entanto ainda há muito o fazer para melhorar o atendimento a estes alunos, principalmente na adaptação curricular e na formação dos professores e dos gestores das escolas bem como aprimorar as parcerias com secretaria da saúde, universidades e escolas técnicas.

Devemos pensar também que necessidades especiais não se resume apenas à dificuldades cognitivas e atrasos escolares, que estar à frente do que é o esperado também se torna uma necessidade especial e que deve ser tratada com a mesma importância de qualquer outra.

É assustador ver o descaso do governo com a educação pública, as escolas têm que depender da boa vontade de seus servidores que não são valorizados, não existe real incentivo, nem fiscalização de qualidade e para qualidade o que se observa é um sucateamento cada vez maior, e a política do estado oferece o mínimo de servidores para um máximo de quantidade de trabalho diminuindo assim a qualidade.

As escolas públicas estaduais que são pagas com os impostos da população, que são cada vez mais elevados, não estão dando o retorno necessário para comunidade, hoje em dia a escola pública não tem a qualidade que tinha antigamente e perdeu muita credibilidade ao longo dos anos, sendo assim cabe aos professores e toda comunidade escolar fazer essa constante denuncia e cobrar dos governantes e das secretarias de educação.

Mesmo assim diante desse quadro pintado pela política neoliberal em vigor, observa-se que as escolas públicas tem um atendimento ao aluno com necessidades especiais superior aos das escolas particulares, superior em qualidade e tratamento humano, as escolas públicas têm recebido alunos provenientes de escolas particular com as reclamações dos pais de que seus filhos não eram incluídos de nenhuma forma na escola, inclusive existe um movimento sutil para que estas crianças não configurem na escola particular, provavelmente os gestores das escolas privadas temem que seus índices de excelência diminuam, além da questão do bullying ser muito presente.

Entendo que temos que fazer o esforço de lutar pelos nossos alunos, em especial o professor que trabalha na escola pública entendo que tem a obrigatoriedade moral e social de lutar por aqueles que não tem condições de lutar

por si por questões sociais impostas a essas famílias. E quando falamos de alunos com necessidades especiais das escolas públicas e as famílias desses alunos estes precisam mais ainda do nosso apoio, atenção e seriedade, as famílias das crianças com AH/SD necessitam tanto quanto de qualquer necessidade, até porque pouco divulga sobre o assunto e provavelmente não terão condições de dar à criança o estímulo necessário para atingir suas potencialidades, novamente a responsabilidade recai sobre a escola e os professores a fazerem as parcerias para poder proporcionar condições para os alunos explorarem suas potencialidades e alcançarem suas capacidades plenas.

Nossa profissão tem sim inúmeras responsabilidades, cada vez mais, e quando se fala de ensino básico público esta responsabilidade é fundamental, bem como nosso compromisso com a educação pública básica de qualidade devemos sempre fazer nosso trabalho com seriedade, consciência social e política e nunca deixar de transformar.

Ainda é necessário mais estudos e pesquisas sobre o assunto das Altas habilidades/superdotação mas mais do que isso o incentivo para que esta temática seja mais recorrente nos cursos de formação, congressos, simpósios sobre educação e também em materiais produzidos pela secretaria de educação que são enviados as escolas. Cabe aqui ressaltar a importância das pós graduações e especializações que são atualmente a fonte mais rica sobre necessidades especiais, e que seja incentivado a inclusão de disciplina sobre AH/SD às que ainda não a possuem em seus currículos.

A proposta para próximos trabalhos é primeiramente divulgar a temática das Altas Habilidades/Superdotação nas escolas públicas estaduais da cidade de Pelotas que possuem sala de recursos, em forma de palestra para toda escola, corpo docente, funcionários e equipe diretiva bem como comunidade escolar, após esta primeira divulgação elaborar um curso de formação com a temática para que daqui a alguns anos possa-se observar um maior número de indicações de alunos para sala de recursos com AH/SD.

Que este trabalho seja um passo adiante para a valorização das crianças com AH/SD da educação básica, pois sempre se diz que o futuro depende das crianças. Logo podemos dizer que os avanços artísticos, sociais, políticos e científicos estão nas mãos das crianças com AH/SD, são as grandes mentes que trazem grandes mudanças para sociedade, desde as mudanças locais as mudanças globais. Que

possamos começar a mudança em nossas salas de aula, nossas escolas e nossa comunidade para então levar adiante a transformação.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de, FLEITH, Denise de Souza. **Superdotados: Determinates, educação e ajustamento**. São Paulo, 2ª edição, EPU, 2001.

ARANHA, Fábio Salete Maria, Projeto **Escola viva**: garantindo acesso e permanência de todos os alunos na escola, alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília, Ministério da educação, 96p., 2002.

BACIENSE, Taisa Rodrigues Smarssaro; ROSSETTI, Claudia Broetto. Altas Habilidades/Superdotação no Contexto Escolar: Percepções de Professores e Prática Docente, **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 2, p. 195-208, Abr.-Jun., 2014.

BENITE Anna M. C.; RABELO Marcos Vinícios; BENITE Cláudio R. M. Estudos sobre as concepções de professores acerca das altas habilidades e superdotação em rede de colaboração. **Espaço Plural**, Ano XIV • Nº 29 • p. 361 - 381 2º Semestre 2013.

BRANCHER, Vantoir Robert; FREITAS, Napoleão Soraia. **Altas Habilidades/Superdotação: Conversas e ensaios acadêmicos**. Jundiaí, Paco Editorial. 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, 1996.

BRASIL, Resolução **CNE/CEB nº 2**, de 11 de setembro de 2001.

BRASIL. **Portal do Conselho Brasileiro para Superdotação**. No endereço eletrônico, [http://www.conbrasd.com.br/6\\_superdotacao.htm](http://www.conbrasd.com.br/6_superdotacao.htm). 2016.

CALLAHAN, Carolyn M. et.al. What Works in Gifted Education: Documenting the Effects of an Integrated Curricular/Instructional Model for Gifted Students. **American Educational Research Journal**, February Vol. 52, No. 1, pp. 137–167, 2015.

CLYDES, Tom. **How to raise a genius**. Ed. 152, NATURE, VOL 537, 8 September, 2016.

DELOU, Cristina Maria Carvalho O funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ), **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 675-688, set./dez. 2014.

FLEITH, Denise de Souza, ALENCAR, Eunice M. L. Soria, **O de, Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores**, Porto Alegre, Artmed 188p, 2007.

FREITAS, Soraia Napoleão; Negrini, Tatiane. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. Santa Maria, **Revista “Educação Especial”** n. 32, p. 273-284, 2008.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre. Ed, Artmed, 584 p. 2008.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HONORA, Márcia, FRIZANCO, Mary Lopes Esteves, **Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva**. São Paulo, Editora Ciranda Cultural, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Seabra Mirza. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo, Ed. Cortez, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglé; SANTOS, Maria Terezinha Teixeira. **Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios**, São Paulo, Ed. Moderna, 2010.

MARTINS, Bárbara Amaral. A história das altas habilidades/superdotação no Brasil: um olhar sobre a trajetória educacional, **Revista Ciência e Conhecimento**, Volume 9 – Nº 2 – 2015.

MARTINS, Barbara Amaral, et. al. Altas habilidades/superdotação: estudos no Brasil, **Journal of Research**, in Special Educational Needs \_ Volume 16 \_ Number s1 \_ 135–139, 2016.

MERROTSY, Peter **Invisible Gifted Students Talent Development & Excellence**, Vol. 5, No. 2, 31–42, 2013.

OLIVEIRA, Ema Patrícia de Lima. **Alunos sobredotados: A aceleração escolar como resposta educativa**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, 2007.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta /** Porto Alegre, 2008. 230 f.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso **Revista Educação Especial**, v. 27 , n. 50, p. 627-640, set./dez. 2014.

PIGOSSO, Claudiane Aparecida; PALMEIRA, Cristiana da Silva; GONÇALVES, Maria José Querini. **Altas Habilidades Superdotação**, Santo André, 2012, 20 p.

RANGNI, Rosemeire de Araújo; COSTA Maria Piedade Resende da. Altas habilidades/superdotação: entre termos e linguagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 467-482, set./dez. 2011.

RECH, A. J. D. **Estudo de caso de uma criança com características de altas habilidades: problematizando questões referentes à inclusão escolar**. Santa

Maria, RS. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria. 153 f, 2007.

RENZULLI, Joseph, S. What makes giftedness? Re-examining a definition. **Phi Delta Kappa**, v. 60, n. 3, p. 180-184, 261. 1978.

RENZULLI, Joseph, S.. A decade of dialogue on the three-ring conception of giftedness, **Roeper Review**, Bloomfield Hills, MI, v.11, n. 1, p. 18-25, 1988.

RENZULLI, Joseph, Modelo de enriquecimento para toda escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. Santa Maria, **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 539- 562, 2014.

ROTTA, Newra, Tellechea; BRIDI FILHO, César Augusto; BRIDI, Fabiane Romano de Souza. **Neurologia e aprendizagem**: abordagem multidisciplinar. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2016.

SANCHEZ-CANO, Manoel; BONALS, Joan. **Avaliação Psicopedagógica**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2008.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Altas habilidades/superdotação rompendo as barreiras do anonimato**. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial, Andréia Rosélia Alves Panchiniack (Coord). - São José: FCEE, 2011.

SILVA, Alexandre, José. **Ministério Público**: dramas, peregrinações e cidadania. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 160p, 2016.

SMITH, Deborah, Deutsch. **Introdução à educação especial**: ensinar em tempos de inclusão, 5. Ed. Porto Alegre, Artmed, 2008.

STERNBERG, Robert, J.; DAVIDSON, Janet, E. **Conceptions of Giftedness, Second Edition** Cambridge University Press, 2005.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação**: encorajando potenciais / Angela M. R. Virgolim - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 70 p., 2007.

VIRGOLIM, Angela Márgda Rodrigues A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas habilidades/Superdotação, Santa Maria, **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 581-610, 2014.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

YIN, R. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.



**APENDICE I – QUESTIONÁRIO PARA PROFISSIONAIS DO AEE.**

**APENDICE II - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DE SALA REGULAR.**

## APÊNDICE I

### Questionário para profissionais do AEE

1. Qual sua Formação?
2. Há quanto tempo trabalha em sala de recursos?
3. Já recebeu alunos com altas habilidades? Se sim qual a frequência anual?
4. Já teve algum tipo de formação com a temática das altas habilidades? Quais?
5. Com quais indicadores esses alunos chegam na sala de recursos?
6. Sente-se confortável em trabalhar com estes alunos?

## APENDICE II

Questionário para professores de sala regular.

1. Qual sua formação?
2. Possui alguma formação em necessidades especiais?
3. Costuma encaminhar alunos para sala de recursos?
4. Já teve algum tipo de formação com a temática das altas habilidades? Quais?
5. Já encaminhou alunos com altas habilidades? Se sim com qual indicador?
6. Tem recordação de quantos alunos com altas habilidades já encaminhou? (se respondeu sim na questão anterior)
7. O que você entende por altas habilidades?